

REVISTA MENSAL

DA

SOCIEDADE

PARTHENON LITTERARIO

2ª SÉRIE

2º ANNO — FEVEREIRO DE 1873 — N.º 2

PORTO ALEGRE

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1873

Commissão de redacção

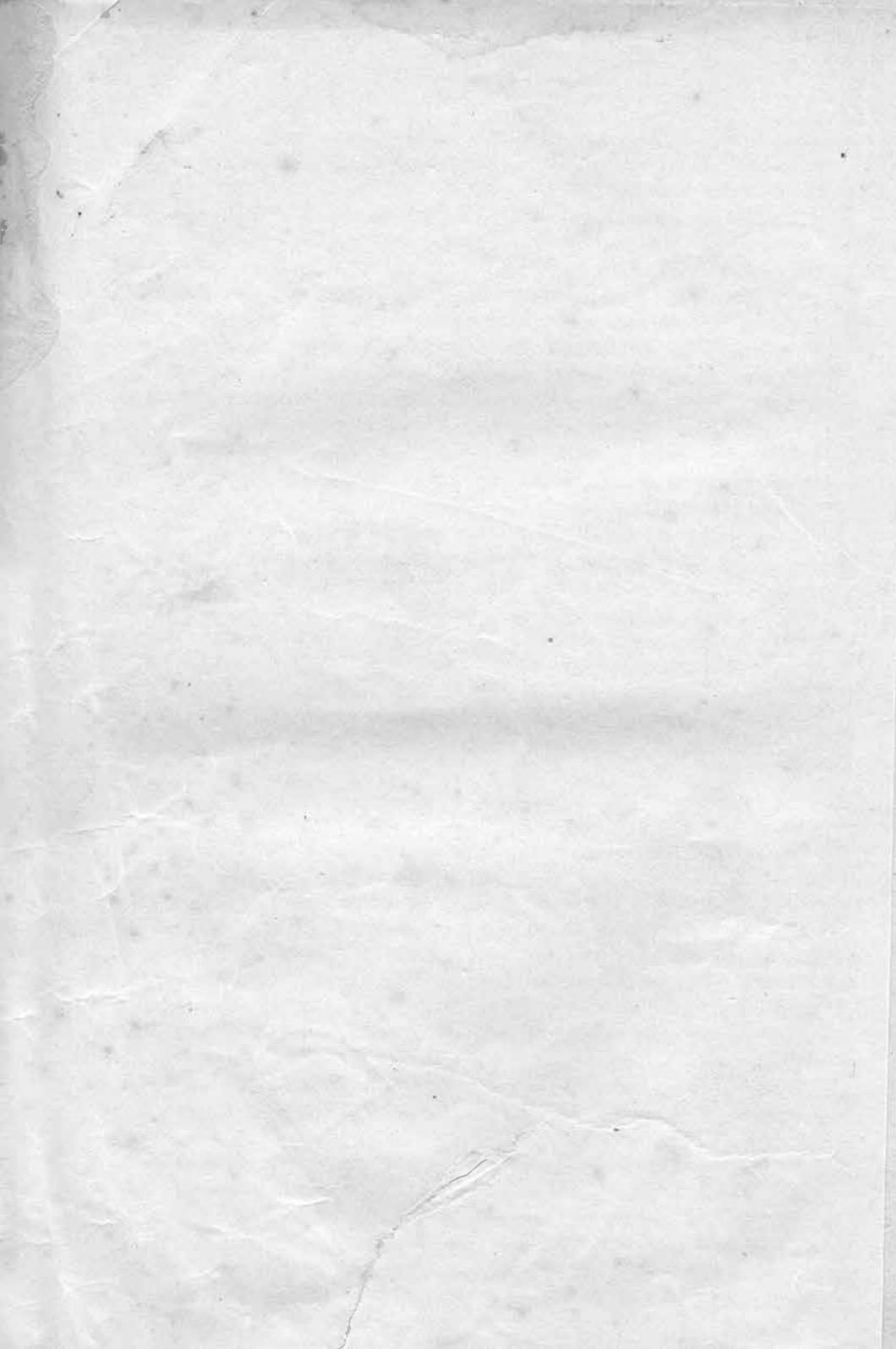
Vasco de Araujo e Silva.
Appollinario Porto Alegre.
José Bernardino dos Santos.
Alexandre B. de Moura.
Francisco J. de Sá Brito.
Joaquim Antonio Vasques.

Redactor de mez

Appollinario Porto Alegre.

Directores

Achylles Porto Alegre.
Hilario Ribeiro.





Lith. Imperial. E. Wiedemann.

D. RITA BAREM DE MELLO

ESBOÇO BIOGRAPHICO

RITA BAREM DE MELLO

I

Querem que eu colloque na galeria dos retratos dos rio-grandenses illustres, da *Revista do Parthenon*, o de Rita Barem, no seu tempo festejada poetisa pela nossa mocidade, como hoje a nossa sympathica D. Amalia Figueirôa.

A historia tem suas severidades, e o biographo não pôde prescindir dos preceitos que ella dá. Entretanto vou ensaiar um esboço, que na minha consciencia de artista não passará de traços incorrectos como sempre os faço, mas onde depois pôde passar a mão feliz de algum outro que tenha a vida, a expressão e a verdade na ponta do seu stilote.

Para logo, preparando a tela, grupão-se-me na mente as figuras imponentes de Maria José e de Eurydice Barandas, cujos manes passêo á sombra das arvores, nas penumbras das florestas antigas do Viamão, e alimentão-se das flôres e das aguas doces, como as da *Castalia*, n'este valle de Tempe, que nós chamamos o valle do Guahyba, onde vêm debruçar-se novos Pindos.

De Maria José ainda conservamos algumas satyras incisivas,

cheias de erudição e de poesia, em que se atiravão ao ridiculo os pretenciosos *politicos* daquelle tempo. De Eurydice Barandas temos a lyrica poesia que enternece e deleita, os seus amores ferventes e entusiasticos por aquelle joven magistrado, que ainda hoje no retiro apertamos a mão.

N'uma sociedade nascente, ou entregue aos labores da guerra, estas rio-grandenses cantavão a natureza; e emquanto a primeira descrevia o que a maternidade tem de mais sublime e santo, a segunda segredava o intimo de sua alma, os seus amores intimos á geração de então, e dizião que a mulher, mais delicada e sensível, e por isso mais impressionavel que o homem, pôde como este occupar-se, e com mais vantagem, do estudo da natureza.

Mas eu disse na biographia do padre Thomé Luiz de Souza, que deviamos steriotypar os caracteres elevados e integros, para modelos da vida social e domestica da nossa mocidade — que convinha offerecer á esta typos dignos de imitar-se.

A nossa mocidade feminina que tanto carece de educação e de instrucção, de cujas boas disposições tanto abusamos, porque não terá na galeria do *Parthenon*, tambem modelos de virtudes domesticas, de virtudes civicas e de encendrado amor pelas sciencias?

Tal matrona havia entre nós, nos tempos que já lá forão, em que vivião nossos avós, que deixou de si memoria de muitas virtudes domesticas.

Era seu marido um honrado commerciante, mas que descuidava o lar da familia e se entregava aos braços venaes das cortezãs. Ella o sabia, mas nunca o disse áquelle que a esquecia nas horas dos seus desvarios; pura e virtuosa a sua alma devia sentir o abandono, mas era dona de sua casa, e cumpria seus deveres com uma honestidade exemplar.

Um dia batia á sua porta uma d'essas mulheres venaes, de corrupção facil, que havia acreditado nas promessas do commerciante; ella ouviu-a e cumprio quanto devia a palavra de seu marido, despedindo-a com exhortações maternas que devião calar n'esse coração onde ainda podia a virtude, porque se entornava em lagrimas. O commerciante, cujo nome é ainda hoje lembrado, d'esse dia em diante, acercou-se mais de seu lar e melhorou seus habitos.

Porque o retrato da matrona Escolastica não deve estar ahi entre os dos illustres?

Falla-nos ainda a voz da tradição de uma mulher desta cidade, que vendo seu marido desprestigiado e pobre, por uma falencia em que fôra envolvido, estabelecera uma fabrica de pão ou padaria e á força de trabalho, de perseverança e de economia,

chegou a pagar as dividas do commercio e rehabilital-o conseguindo depois uma fortuna que deu a abastança á seus filhos, que depois figurarão na nossa sociedade, dando sempre exemplos de economia domestica proprios para serem imitados. Desta tal, porém, conta ainda a mesma voz, que perdera a fama adquirida, pela crueldade com que tratava os seus escravos. Mulher varonil para os casos difficeis da vida, honesta e honrada até o escrupulo, tinha um coração feroz, exigia do *escravo* mais do que elle podia fazer e para forçal-o ao trabalho demasiado, martyrisava-o. O retrato de um tal caracter, digno de respeito até certo ponto, devia ser coberto pelo crepe manchado do sangue do infeliz, que muitas forão as victimas que perecerão sob o seu azorrague maldito.

Durante os luctuosos dias da guerra civil por que passamos, muitos bustos honrados e varonis de matronas nossas se levantarão na memoria da patria. Ainda é fresca, porém, e muito contemporanea a historia dos factos, para que a narremos.

A tradição que deixarmos guiará a penna da nova geração, que lhes ha de fazer justiça, como faz o meu coração ao recordar as scenas de humanidade, de abnegação e de heroismo pelas idéas que ellas então nutrião n'alma.

E' mais util, torno a dizel-o, gravarmos a virtude, a gloria, o heroismo sobre o bronze ou marmore ou nestas paginas que vão escriptas, para lição da mocidade, para modelos das gerações porvindas, do que narrar triumphos faceis de intelligencias felizes que nos sabem dizer nas horas do desfastio, com belleza e graça, o quanto é bella e graciosa a natureza dos nossos pagos, o nosso sol, a nossa lua e as aguas doces que nos sacião e as flores que nos sombreão e gerão scismas melancolicas mas incipientes em nossa alma.

O agradavel deve vir depois do util e este depois do necessario. E' uma lição que a póde entender bem o biographo que me succeder, e que póde pôr por obra, se não fôr levado como eu por condescendencia, a um trabalho que podia ficar para mais tarde.

Fallemos de Rita Barém, poetisa que ainda hontem vimol-a brincar nos primeiros annos, e ensaiar na linguagem metrica os seus primeiros pensamentos.

Era uma menina bonita, tinha vivacidade e fazia versos — a mocidade sympathisava com ella. Mostrou-me um dia e não ha muitos, uma mocinha, versos, que dizia serem d'ella e eu achei-lhe espirito — *é peneira nos olhos que tem* — dizião elles — *e pancada na bola tambem* — e sob este motivo fallava de alguns de nossos figurantes sociaes, satyrisava-os, o que agradou.

Hoje ella pertence ao passado, vamos ver no seu livro, o que havia de sentimento e de elevação de espirito.

II

Rita Barem, que examinada á luz da imparcialidade, revela um talento precoce, habilitações que fôra para aproveitarem-se n'um paiz mais cultivado que o nosso, n'uma sociedade mais vasta e applicada que a em que vivemos, não chegou a attingir o marco da distincção a que teria direito com mais cultura.

Seus versos, o modo de explicar-se na linguagem metrica, dizem-nos que tinha uma alma para os sentimentos delicados, apta para o estudo, formada para ser cultivada e util aos que d'ella em torno existissem. Era o que se chama uma aptidão, digna de ser dirigida e animada.

Rita Barem, no entanto, nem foi dirigida nem animada. Flôr mimosa e candida, fanou-se n'um jardim onde não ia a mão d'um cultor desvelado. Os seus perfumes, o matiz de suas petal-as, levou-as a aura que por ali perpassou de mansinho e as borboletas douradas que a não desdenharão levarão-lhe o polen e o nectar, pouco deixando ás abelhas que a destruirão. Foi uma existencia curta mas perfumada.

Nós vimol-a brincar nos seus folguedos infantís, linda, e ás vezes melancolica, cheia de scismas nas horas de maior prazer; e lemos seus primeiros ensaios — a *juryty* soltava os seus primeiros arrulos nos ramos da aroeira ou sobre a moita que demorava a borda da floresta virgem.

Dias depois a morte colhia-a ainda no verdor dos annos, já esposa e mãe, mas precedida no tumulo pelos queridos renovos do seu coração. Era uma nenia soltada aos ventos livres da campina antes que a pobre *juryty* levasse mais longe o seu vôo.

Coração delicado, a menina Barem amou, teve esse goso infavel para as almas candidas como a sua. Eis como ella diz, simplesmente, a immensidade do seu amor:

COMO TE AMO

Vês quantas fiores al prado
La primavera prestó!
Pues miña dueña adorada
Mas vezes te quiero yo.

(CADALSO).

Vês no céo quantas estrelas
Vai a noite encastoar?
Que luz e resplendores
Vão as ondas inundar?

Vês as vagas quantas nascem,
Quantas morrem lá no mar?
Já contaste os suspiros
Do seu triste farfalhar?

Já contaste quanta nuvem
Vem d'aurora ao despontar?
Quantas fiores réverdecem,
Quantas aves vem folgar?

Não vês quantas borboletas
Stão no prado a volitar?
E na flór do jasmineiro
Leques d'ouro a desatar?

Vês a lympha crystalina
Quanta vaga vai frisar?
Vês de raios quanta fita
Cahé nas ondas do luar?

Pela aurora na roseira
Quantas gotas vão molhar?
Quantas folhas pelo outono
Póde o vento dissecar?

Já contaste quantos hymnos
Se desprendem do palmar?
Quando o vento cicando
Vai por elle a perpassar?

Quanta nota doce e terna
Sabem elles encerrar?
Quantos beijos ao filhinho
Vão da mãe acalentar?

Já contaste quantas folhas
Vão as mattas alindar?
Um a um dos passarinhos
Quebro a quebro a gorgear?

\ Já contaste espalhadas
Sobre a areia á beira mar
As conchinhas a milhares,
A milhares d'encantar?

\ Já contaste gota a gota
Quanto pranto faz chorar
Á tristeza d'orphanidade
D'amargores e pezar?

Quanta seisma, quanto sonho.
Vem d'amor ao despertar!
Qu'esperanças e venturas
Faz nascer ou desfolhar!

\ No mais fundo do meu seio
Mais amor sei encerrar.
Mais enlevos esse affecto
Nelle veio derramar.

\ Essa rosa da existencia
Mais vida me veio dar.
De meu coração nas fibras
Mais perfumes exhalar

III

Rita Barem de Mello nasceu n'esta cidade pelo tempo em que o partido liberal do imperio, segurando sobre seus hombros robustos a monarchia, triumphou dos conservadores, e proclamou a maioridade, dando as redeas do governo ao actual imperador o Sr. D. Pedro II. Vio a luz do dia á 30 de Abril de 1840. Forão seus pais João Pedro Freire Barem, que na mocidade foi commerciante, mas que por esse tempo já era empregado publico, e Severina Augusta Barem, os quaes lhe derão uma boa educação e o cultivo que a epocha e estado da cidade permittião.

Seu pai era de um natural bondadoso e de espirito atilado ; mas sobrecarregado do peso de uma grande familia, não podia, ainda que o quizesse, mandal-a aos collegios onde podesse aprender mais ; assim é que Rita Barem teve apenas a cultura imperfeita de nossas escolas de então.

Mas, não obstante, ella teve a força d'alma de se fazer notar pela agudeza de seu espirito, pela clareza de sua razão, e nos livros que lhe ião á mão bebia as lições de Horacio e de Boileau. Era poetisa, — seus versos agradavão e os redactores do *Guahyba*, em que se notava o mallogrado litterato João Vespucio, tão cedo colhido pela morte, publicarão seus ensaios poeticos, as suas primeiras producções, sob o pseudonimo *Jurity*, que erão as flôres da sua *lyra dos 15 annos*, collecção dos seus primeiros versos feitos em 1855.

Foi aos 17 annos que contrahio r upcias com o Sr. José Corrêa de Mello, e com o qual viveu o resto de seus dias, que bem poucos forão, tendo tido dois filhos, um menino que se finou tendo seis mezes de idade, em Dezembro de 1860, occasião em que escreveu a sua poesia *Lgrimas de mãe*, e outro com onze mezes que precedeu pouco á sua morte.

Dos seus extremos de amor vê-se a cópia n'estas quadras :

V E M !

Vem! Que t'importa que maldiga o mundo
O amor profundo que nos liga? vem ;
Vem, que nos valles de cheirosas flôres,
Nossos amores viçarão tambem.

Vem! de joelhos no tapiz de nardo
Hade-te o bardo suspirar idylios,
Cantar-te a face rorejada em pranto,
O orvalho santo do frouxel dos cilios

Pensa na sombra da floresta virgem...
Nesta vertigem... nest'amor ali! ...
Aves felizes no sendal dos ramos
Seremos: vamos, que o serei por ti!

Vamos unidos como a luz ao astro
O a Eor da Castro na soidão lebral-o,
Nas longas plumas que a palmeira agita
A alma palpita de Virginia e Paulo.

Que mais tu queres, anjo e flôr? Escuta :
Quem ama luta? Não lutemos, vem?

Vamos aos valles de cheirosas flôres.
Que é flôr de amores meu amor tambem.

Olha, de tarde quando o sol se esconde
Diz-me tu onde mais poesia viste ?
Callão-se os ventos — só a brisa arrula —
O céu se azulá — mas o céu é triste.

Pois bem. o bardo na soidão exprime
Na voz sublime d'um archanjo a voz ;
Heide dos seios arrancar os lyríos
Dos meus delirios, p'ra t'os dar — a sós ! —

Perdidos ambos no deserto infindo
Que sonho lindo, que visões tambem !
E o ether' puro como véo de estrellas . . .
E a chamma d'ellas a tremer além ! . . .

« Mas quando um dia desbotar-se o prado ?
« Quando o vallado se cobrir de gelós ?
« Ail tu só vives — beija-flôr — de orvalhos
« Em verdes galhos de sonhares bellos !

« Qu'importá o prado de cheirosas flôres
« Se teus amores morrerão tambem ! »
Quando morrerem, morrerão comigo
E ao céu comtigo voarei — oh! vem!

« Oh! não! Minh'alma se corda em flôres :
« Nos esplendores de celeste aurora ;
« Deus abençoá só amores santos
« Calla teus cantos : morrerás agora ?

Tão breves forão, porém, os gozos que lhe reservava o hymeneo, quanto amargo o calix das provações maternas. Os seus dois filhinhos cortados em flôr, levarão-n'a á gelidez sombria da campa, n'um canto supremo de amarguras e dôr. Lêde esse canto, que diz tudo, que resume quanto poderíamos transmittir-vos. E' um grito d'alma, é o canto do cysne mythologico, esforço elevado e sublime.

Este canto, compunha-o' ella, cheia de tristuras, pela morte de uma sua irmã em 23 de Fevereiro de 1867, terminou-o em 3 de Março para devidamente dizer o que sentia pela morte de seu filho.

Eil-o :

Jámais acordarás ! Lyrio suave
No val da vida vicejaste apenas
Um dia, um dia só ! O' flôr de encantos
Porque tão cedo a fronte immaculada
No seio do sepulchro reclinaste ?
Nem três lustros se quer ! .. Alma divina,
Dos enganos a túnica despiúdo,
Criança ainda tu fugiste ao mundo,
Das aureas illusões partio-te os élos
A mão da morte, e as azas desdobrando
Da eternidade, a rir, foste caminho,
Como em lago de seda a garça morta
Manso vaguêa da corrente á tona.
Sobre o sereno mar adormeceste
Dos teus annos quatorze. O' flôr d'encantos.
Porque tão cedo a fronte immaculada
No seio do sepulcho reclinaste ?
Anjo de luz, na fronte transparente
Da mocidade a flôr abria as folhas
S'innundava de ethérea claridade !
O teu celeste olhar placido e calmo,
Bem como em céu diaphano e tranquillo
Tranquilla a estrella d'alva se contempla,
No lethargo final ainda eras bella !
Ai, bella sempre ! Do sepulchro á sombra
Como um reflexo de nascente aurora,
Parecia brincar-te no semblante,
Que de ignoto esplendor illuminado
Sorria ainda. Teus sedosos cilios,
Sombream-te as faces d'assucena,
Como a lympha pollida, alvi-nitente
Pendida a borda do salgueiro a côma.
Era a tu'alma primavera amena,
Onde a esperança, qual aurea borboleta.
Nos extensos vergeis bebia aromas.
Harpa eólia que ao halito das tardes
Harmonias suavissimas exhala,
Das santas illusões as auras doces
Roçando as cordas de tu'alma santa
Acórdavão-lhe sons como sómente
Nessa quadra da vida — luz, poesia,
Flôr e p'raizo, modular-se póde !

.....
Mas eu que vi seccar na flôr dos sonhos
O germen que dar fructos promettia ;
Planta rude no pincaro do monte.
Ludibrio exposto da tormenta ás furias :
Que na terra pisando sobr'espinhos
Não tive mocidade, eu te lamento !!

.....
O' não ! Se como tu, criança ainda,
Fugido houvera deste mundo, agora
Não sentia esta dôr que não tem nome ;
Morrer quando sou mãe, deixando infante,
Orphão meu filho — como a ave implume
Que do ninho materno a tempestade
Para longe arrojou. Morrerei moça ! ..
Sinto que um verme nas doridas fibras
Do meu peito se aninha. Hade interpôr-se
Entre o futuro e eu da morte a noite
Cheio de glorias o sonhei e sonho-o :
Já não vivo por mim, é só por — elle —

E' o seu o meu porvir ! O' se nas azas
 Dos quinze annos fugido houvera ao mundo,
 Não sentira esta dôr que não tem nome ;
 Morrer quando sou mãe e o filho infante !

.....
 Março, 3 de 1867.

.....
 Soffrer que não tem nome é este agora
 Com elle na minh'alma cheia ainda
 D'aquelle santo amor, da imagem d'elle
 E buscal-o co' a vista e não achal-o !!
 Esta vida o que val ? — Eis interposta
 Entre elle e eu, da morte a eternidade !
 Taboa errante que o mar cavado e lôbrego
 Nas loucas convulsões, impelle, arrasta,
 Prende, sacode, do naufragio espolio ;
 Assim hoje, sem rumo, sem destino,
 Nas ondas tôrvas da existencia eu gyro,
 Eu presentia desta dôr o inferno...
 Bem sabia meu Deus, que a f'lecidade
 Despozar-se não pôde co' a desgraça ;
 Que era ousada de mais quando o futuro
 Do meu filho sonhei e'roado em rosas !
 Como do raio as lamieas de fogo
 Sobre a arvore em flôr cahem fulminando-a,
 Sobre o meu coração que reffloria
 Cahio de chofre da desdita o gume
 Que m'importa o passado e o futuro,
 S'entre o futuro e o passado existo,
 Se as esp'ranças de um jazem no outro
 Como em tumba de ferro ? Vi o mundo,
 Nas entranhas de um tumulo sumir-se :
 S'isto é viver eu vivo. Que m'importa
 Que o sol erga-se altivo, que nas ondas
 Do rubido clarão se alague a terra,
 Qué rica de perfumes, flôres, fructos
 Sorria á criação, sorria aos homens,
 Se eu vejo em tudo do sarcasmo o escarneo ? !
 Muito embora opulenta a natureza
 Ostente as galas que eu amei outr'ora :
 A minh'alma hoje é frio cemiterio
 Onde vaguê da saudade o espectro.
 Só lá no fundo d'ella exilio e sombra
 Silencio e solidão, echôa ainda
 Como um echo perdido em valle eseuo
 Daquelle voz o som plangente e doce !
 Não sei se soffro mais vendo-o nos trances
 D'amargura final, ou se nos risos
 Onde expandia a alma innocentinha !
 Quando sorria, inteiro um paraizo
 De maternal arroubo m'enlevava,
 Sentia n'alma um céo, quando meus beijos,
 (Ha nos labios de mãe unção divina)
 Meus santos beijos lhe pouzavão meigos
 Na face angelical !... Eis-me acordada
 Como em vasto deserto estranha á vida
 Como em carcere estreito á vida atada !
 O' da morte a friez maior do que esta
 Que me cerca, não é... Eis-me de novo
 Caminhando ao acaso. Eis interposta
 Entre elle e eu, da morte a eternidade.
 Qu'espera a ave que o tufão nas iras

Arrojou para o seio das tormentas
Entre o céu que se peja de negrôres
E o tenebroso abysmo do oceano?
Trovejão ambos — solidão e trevas —
Nas duas amplidões qu'espera a triste?...
Morte — descanso, — Felíz d'ella ao menos..
.....
E eu que vi seccar na flôr dos sonhos,
O germen que dar fructos promettia;
Planta rudê no pincaro do monte
Ludibrio exposto da tormenta ás furias:
Que na terra pizando sobr'espinhos
Não tenho mocidade — eu vivo ainda!

Contraída nos deveres de mãe e de dona de casa, é certo que não descurou das letras; as suas horas vagas dava-as ella ao estudo, e seus versos, como se vê, reproduzião-se nos folgares ou nas angustias de sua vida.

Tinha Rita Barem uma vocação pronunciada para o estudo, mas a brevidade da vida e suas amarguras tolherão-lhe os vôos, e ainda assim a lyra que tangia tão harmoniosamente e ainda á medo foi aos poucos perdendo as cordas até de todo quebrar-se.

A sensibilidade exquisita de sua alma resentio-se muito com o fallecimento do ultimo de seus filhos, e entre as saudades vivas do esposo e dos que a admiravão, finou-se dando á terra os seus restos mortaes, collocados ao lado dos de seus innocentes filhos, para ir no céu com elles cantar os hymnos ao SENHOR que apenas preludiára n'este mundo. A sua morte teve lugar em 27 de Fevereiro de 1868 na cidade do Rio Grande.

IV

A critica ainda não deu o devido lugar aos escriptos de Rita Barem; ainda ninguem sabe em que ordem ella deve ficar na galeria dos prosadores e poetas rio-grandenses; apenas ha uma successão chronologica, que no momento foi preterida, pois como se vê a sua biographia antecedeu á das recommendaveis poetisas Maria José, e Eurydice Barandas.

E assim como não houve critica, tambem não houve cuidado na revisão do livro que tem seu nome, e que foi impresso á expensas da sociedade portugueza de Beneficencia da cidade do Rio Grande.

Os litteratos que isto conhecem não deixarão de fazer esse trabalho, esse serviço importante ás letras patrias e á memoria dos que á ellas hão dado os seus mais bellos dias.

DR. VALLE CALDRE E FIÃO.

Porto Alegre, 10 de Março de 1873.

MÃI DO OURO

II

ANNITA

O dia já havia despontado. As nevoas da noite eliminadas pela luz nascente haviam desaparecido, e a atmosphera sem nuvens ostentava-se limpida e pura como o tecto de um pavilhão de azul transparente com que Deus cobrisse a terra.

Na côma da floresta que orla o Piratiny perpassava branda aragem e as copas das arvores fremião de manso. A campina se dilatava na amplidão como um verde cendal, banhada pelas lagrimas da aurora, que deslisando pelas palmas do gramado se ião embeber no solo. Suaves rumores de envolta com impalpaveis aromas tremião no ambiente com lesto e agil passo a alvorada do deserto galgava os patrios céos.

A casinha continuava, porém, silenciosa a dormir apoiada á sua silvestre figueira. O mais leve ruído não indicava que ella houvesse já despertado para a vida. Completo silencio ali campeava, indicio de que seus habitantes dormião.

As borboletas azues, amarellas, brancas, encarnadas, côres de

rosa, côres de ouro, de todos os tamanhos começavão esparradas pelas capoeiras e moutadas o seu diurno fadario.

Aqui sumião-se nas cortinas de folhagens duas, tres, perseguindo-se, beijando-se nos ares: surgia um casal d'ali impudicamente galanteando-se. Ora em grupos, ora isoladas muitas outras erravão pela campina. Muitas vezes quatro, cinco, librando-se nas asinhas reluzentes, frente a frente enlanguecião em molle vai-vem. Se uma impaciente inflechava o vôo para a esquerda vis-à-vis, ella furtando-lhe a volta remontava-se e pairava travessa nos ares sobre a lograda companheira com ar escarninho. E assim, ora aproximando-se, ora repellindo-se, continuão a borboletear; até que a topada bate em cheio, e em um torvelinho envoltas se equilibrao nos ares, em um só volume aggregadas, com quatro asinhas a abanar.

Da restinga proxima corta os ares veloz como uma flecha, algum erradio beija-flôr em direcção á robusta lorangeira, que fronteira á janellinha de Annita se ergue garridamente toucada de alvissimas flôres, deslumbrante de faceirismo como uma moça no dia do seu noivado. Ao redor d'ella esvoaçao os colibris. O sabiá pousado no umbú, parecia querer de um folego só percorrer toda a sua escala de harmonias.

De repente abriu-se a janellinha e assomou recostada sobre o peitoril uma radiosa appareição. O sabiá enlangueceu mais seus carmes e requebrou amorosamente o seu mavioso modular, e além no fundo do açude afastado o tacaan atirou aos echos o grito agudo e estridulo.

Annita por instantes cravou seus olhinhos negros e travessos distrahida nos longes ondulantes; e aspirou a longos haustos as brisas embalsamadas da madrugada. Depois recuou da janellinha e desapareceu na penumbra do quarto obscurecido.

D'ahi a instantes se abria a porta da casinha e uma meniua leve e gentil deixava-se ver em plena luz. Vestia um simples vestido de chita, que debruçando-se sobre os graciosos contornos relevados e flexiveis, descia-lhe até aos pés. As suas tranças negras e buliçosas negligentemente soltas lhe açoitavão as espaduas. Seu rostinho do mais suave moreno, levemente colorido sobre as maçãs avelludadas e ondeadas, era uma seducção. Tão encantador, faceiro era elle que dir-se-hia germinado da impressão de um beijo apaixonado de guaynumbi na radiosa corolla entreaberta do cactus côr de ouro, que desabrocha ao quente penetrar da luz matutina no capãozinho da pedreira.

Annita estava n'essa quadra da vida em que a grinalda de rosas da meninice se desfolha, e a cabeça ainda a pouco affagada pelas doudejantes travessuras, cinge o diadema brilhante da mocidade, e começa a entrever as sombras ridentes dos sonhos

encantados e os espectros dos desenganos e das lagrimas que passão sinistras, murchando muita vez alguma loura flôr da esperança e da illusão.

Para ella expirava a infancia e começava a pubescencia. Os dois crepusculos da existencia se encontravão sobre um mesmo entesinho e repellião-se. Um parecia dizer : affasta-te que a minha vez chegou : quero envolver em minhas nevoas, que dão sonhos deliciosos, essa candida fronte que á minha esphera se achegou ; o outro parecia retrucar-lhe : espera ! é cedo ainda ! Para que lhe dares as tuas sombras cambiantes, ora tintas de formosas côres, ora carregadas de sombrias, se essa alma pura se espanceja na faceira luz da infancia ? deixa ella banhar-se no ether luminoso da minha influencia magnetica, e vereis sua existencia deslizar entre risos alegres e argntinos. Oh ! porque tão cedo mergulhar essa existencia feiticeira, pavorosa quadra, no teu mysterioso pégo ?

Mas o Numem bemfazejo que estas vozes ouvia, ligou sobre a fronte juvenil o crepusculo da infancia, que espirava ao crepusculo da mocidade que nascia pela impalpavel cadêa da innocencia.

Por isso, se n'ella buscardes agora a menina encontrareis face a face a mulher, que desdenha as caricias que fazeis á criança ; se vos aproximais da mulher, se lhe murmurais ao ouvido sonoras palavras, vêl-a-heis desentendida e amuada levantar-se, fugir e ir percorrer, com o estouvamento da criança, toda a campina que se estende entre a casinha e o mato, atraz das azas ligeiras da azul borboleta.

Olhai . . . que enquanto conversamos, ella se esgueirou por traz de nossas catholicas pessoas . . .

E eil-a á percorrer a planicie. Ora perseguindo um insecto dourado, uma cigarra de azas rendadas, um inexperto passarinho ha pouco sahido do ninho, ora correndo atraz de um gafanhoto do prado, nos surge das moitas floridas esparsas na campina, ou nos desaparece nas immensidades da restinga.

Por vezes pára arquejante : vóluptuosamente sorve a aragem fresca do mato ; leva a mãosinha ao seio, crava o olhar distrahido na penumbra affogada em luzes do céu infinito.

Porque arfão cntumecidos seus seios que despontão ? Será de cansaço ou de intimas emoções da volupia a percorrer a inebriada escala das sensações ?

Nem ella dizel-o sabe.

La continuar a travessear quando ouviu a voz de sua mãi que a chamava. Voltou-se e vio a velhusca que a esperava na porta da casinha.

Annita era orphã. Em pequena ficára sem pai. Janjóca

Timbaíva, assim chamavão-n'ô, apparecera em um dia em que sahira do campo a fazer repontes, morto entre os tacurás da Sangra Funda. No peito vião-se-lhe os signaes vehementes de uma faca, que por vezes embebesse sequiosa a sua lamina ponteaguda no coração da victima.

A familia ficaria ao desamparo se o patrão de Janjoca, velho e honrado coração, não se apiedasse d'ella. Compunhão-n'a a mulher de Janjoca, moça então bem sympathica, um rapasinho de sete annos, vivo e petulante, de nome Miguel, e Annita que contaria então dois ou tres annos.

Elle era um dos posteiros da estancia do Cambacá e o mais antigo dos peães, pois desde moço quasi que não conhecia outro patrão. Tambem por isso lhe tinha o major Raphael Barbosa, proprietario dos campos de todo aquelle rincão, grande affeição.

O major tratou logo que foi conhecido o tragico fim de Janjoca de descobrir o assassino ou assassinos. Nada conseguiu, pois não pôde encontrar o menor vestigio que o guiasse. Indicios não havia de quem fosse o autor. Presumpções tão pouco: não se sabia que a victima houvesse tido desavença alguma com visinho, peão, ou escravo da fazenda. Suppôr obra de salteadores! Não se mata para roubar a quem nunca tem vintem; nem se atira o morto ao fundo de uma sanga com o crucifixo no pescoço preso a um cordão de ouro, nem se lhe deixa calçadas nos pés umas esporas com passames de prata.

Este assassinato para todos era um mysterio impenetravel.

Alguns da peonada quizerão dar a explicação pelo sobrenatural, e attribuirão ao Caapora, o que não era senão crime de mortal. Cahio, porém, este expediente por pouco verosimil.

A poucos passos da sanga o capim n'um lugar estava, quando descobrirão o cadaver, muito episoteado e totalmente machucado; em alguns lugares poços se distinguirão do sangue, e d'ali até á sanga um rastilho rubro no gramado guiava á ribanceira d'onde fôra jogado ás torvas aguas da sanga o cadaver de Janjoca.

O Caapora, segundo a tradição popular, como genio malefico e vil que é, só victima o adormecido que não se acorda mais depois de elle lhe haver encostado ao peito a boca pavorosa.

O descuidado viajor sente sobre si uma pressão horrivel. Sente a pelle romper-se debaixo dos labios grossos, viscosos e frios do monstro, uma lingua pontuda e rija como uma espada introduzir-se pelo corpo e verrumar-lhe a carne, e espalhar-se-lhe depois pelos membros inteiricados, em uma indefinivel agonia, dôres cruellissimas. Paralisado, sem poder mover-se, sente-se sugado em vida por uma bocca disforme, bebido e vasado n'um pavoroso monstro -- o Caapora.

Essa bocca, essa ventosa aterradora, só se desprende da victima quando não ha mais gotta de sangue a sorver.

Ora Janjoca tinha luctado com quem quer que fosse. Com o Caapora ninguem luta.

Janjoca tinha sobre o peito varias feridas abertas por objecto perfurante — faca com toda a certeza. — O Caapora deixa sobre o corpo victimado apenas uma pustula asquerosa com toda a configuração de sua bocca hedionda. O cadaver tem uma lividez amarella esverdeada, quasi transparente que enoja.

Nada d'isso se notava no corpo do posteiro. A supposição da peonada, absurda, porém tida em muito credito se certas circumstancias a favorecessem, cahio por terra.

Barbosa fez indagações, fez pesquisas; nada averiguou. Todas as suas diligencias forão infructiferas.

A morte do pai de Annita se sepultava enovelada no mysterio.

Ainda hoje no fim de doze annos o seu segredo se occulta no silencio das sombras impalpaveis.

E quem é que vai auscultar nos seios do invisivel as vozes dos que forão?

III

A JARARACA E O SAPO

Annita quando ouviu a voz de sua mãe que a chamava, voltou-se e veio se encaminhando para a casa cantando.

Ao contornar a *lagôa das embirinhas*, que no meio da campina se espraiava, parou-se a admirar um bando de colhereiros que no baixio da lagôa cochilavão amontoados. Parecião vistos ao longe flôres vermelhas d'algum nenuphar gigante que a natureza americana tão prodigiosa caprichasse em produzir.

Quando ella saciada de contemplal-os ia proseguir em seu caminho, um enorme sapo de olhos esbugalhados e grandes, de enorme corpanzil de pelle lixosa e barrenta, saltando fóra da lagôa se espichava com toda a volubilidade no capim tosquiado e rente.

Annita recuou assustada, quasi sem folego.

Não se tinha ainda desenhado do medo que a assaltara, quando vio luzir dois olhos incendidos e phosphoricos, que parecião dois vagalumes brilhando na sombra (tão luminosos erão elles!) entre as inextricaveis enredanças de uma reboleirinha

carrasqueira de taleiras e gravatás que se grupavão ao redor de um grande pé de urumbeba.

Uma cabeça grande achatada surgio da macega e as folhas espinhadas do gravatá rangerão ao peso de uma enorme jararaca que sobre ellas vinha suavemente escorregando.

Chegando ao gramado enroscou-se com todo o socego em frente ao sapo, que dormia aquecendo-se ao sol, e estendeu sobre a pinha de seu corpo malhado, inclinada para a frente a cabeça chata.

Os olhos luminosos cravarão-se fixamente sobre o sapo. Estabeleceu-se a corrente electrica; e dilatando-se na esphera de seu olhar, envolveu o pobre animalejo descuidado na rede fatal de sua influencia magnetica.

Elle estremeceu de subito. Um arrepio rolou-lhe pelo aspero costado: logo após outro, e outro. Sacudio por vezes o corpo disforme como que para fugir á pressão incommoda, e por fim levantou a cabeça, e com os olhos indolentes e desfallecidos buscou vêr. Relanceou-os além: pristou a cobra.

Nos olhos da jararaca irresistivel a fascinação bailava.

O sapo tentou fugir ao magnetismo fatal, buscou escapular á influencia maldita, quiz recuar sobre a lagôa: mas uma força insuperavel transfundida em seu proprio ser detinha-o, e arremessava-o para a frente. Em seu intimo travára-se a luta sem tregoa da sua vontade a resistir ao predominio extranho.

A agonia d'alma que o extringia, o horror da sorte miseranda á sua espera, todo aquelle vago terror d'uma morte inevitavel, de um esvaír da ultima esperanza da vida a que em vão se apegava, se estampava nas feições brutas e inintelligentes.

Era embalde que tentavão detel-o o instincto da conservação e a idéa de salvamento. Erão impotentes perante a fascinação irresistivel que o attrahia para a cobra. Força superior o impellia, e a ella não podia desobedecer.

Dando pullinhos, ora para a direita, ora para a esquerda, começou a adiantar-se para o reptil. A cada salto, a proporção que se approximava do seu final objectivo, soltava cada vez mais triste e agoniado um grito fanho que estrugia como um lamento desesperado, como uma agonia acerba, calando ua alma de An-nita toda tremula de susto e horror.

O sapo saltando d'um lado para outro, sem poder esquivar-se á attração magnetica do reptil, se approximava mais e mais chorando sempre.

A jararaca como o sentisse já mui proximo, desmanchou a pinha de seu corpo, distendeu o collo, esticou-se como uma vara, alçou a cabeça, escancarou a boca em que oscillava a linguinha

vermelha bipartida em farpas, e assim esperou-o com os olhos incendidos em que a fascinação bailava.

Elle adiantando-se sempre na esphera influenciada pela electricidade, se achegava á cobra dobrando os lamentos, gemendo como quem soluça saudades da vida que vai fugindo.

A' sua frente a boca abria-se desmesuradamente como uma tumba aberta de fresco; e elle sentia-se atropellado a entrar. Ergueu-se sobre as patas trazeiras, elevou as dianteiras, apoiou sobre a cobra o corpo firme, relanceou a vista, embaciada pela agonia, sobre a risouha natureza, cravou-a desalentado depois na guela liante, escura como as profundezas do ignoto, inclinou a cabeça, soltou um gemido rouco e fanho, quasi estrangulado, enveredou para a frente e desapareceu! . . .

Como uma tumba que recebeu o corpo — a boca do reptil cerrou-se.

VICTOR VALPIRIO.

(Continúa)

MULHERES †

COMEDIA EM 4 ACTOS

ACTO II

A CASA DA COSTUREIRA

Sala modestamente mobillhada. No fundo janellas e porta para a rua. A' direita uma porta para o interior. A' esquerda janellas, n'uma das quaes acha-se impendente uma gaiola com um passarinho

PERSONAGENS

MARIANNA.

ANTONIA.

PANCRACIA.

HENRIQUETA.

LOBEIRA

LANDELPHO.

SCENA I

Laudulpho e Pancracia

LAND. (*agitado*) — É impossivel, mãi Pancracia . . . Henriqueta não casa comigo, nem que me viessem pedil-o todos os santos da igreja . . . Quem diria que ella seria tão indigna?! Ah! mulheres! mulheres! Rostos de anjos, corações de demônios! . . . O que não dirá minha boa Antonia, quando souber que semelhante casamento vai effectuar-se em oito dias?

PANC. — Nada temas, filho. Esse casamento é impossivel; eu tenho aqui (*leva a mão á frente*) uma idéa. Ando-lhe dando as tintas, e quando fôr occasião, has de ver como o Sr. Manoel da Lobeira inda me ficará muito agradecido.

LAND. — O que não quero é matrimonios com Henriqueta . . . Isso por fórma alguma! . . . Henriqueta?! Ah! trahidora! perfida! E eu crêl-a, amal-a! E quando lhe fazia protestos e juras do mais constante amor, ella talvez pensasse no Anacleto — o boticario! (*Suspirando*). Ah! minha boa Antonia, como tive coragem de esquecer-te, como ouzei preferir a ti um monstro de ingratição e vicios!

PANC. — Emfim já conheces a differença entre uma e outra? Não te dizia sempre?!

LAND. — Tinha razão, mãi Pancracia. O louco varrido era eu. Ninguém faz mais triste figura do que um apaixonado. Todos riem d'elle, e o misero em sua cegueira o não percebe.

PANC. — Não digas que amavas a Henriqueta. Foi um desejo de momento, paixões de fogo de palha! Ardem, e, apenas saciadas, morrem. Essas não são as que devem alimentar o casamento. A vida da familia não quer loucos transportes, sim respeito e tranquillidade, um amor que viva mais d'alma que dos sentidos. Ha moças que deixão-se arrastar como doidos, e cazão-se . . . Coitados! O arrependimento virá tarde, o desespero, as lutas, portanto o infortunio.

LAND. — Mãi Pancracia falla como um livro.

PANC. — Como um livro? Sim. Quem tem sessenta e sete annos de idade, e tem entre as mãos tres gerações, é um livro de experiencia, onde a verdade não confunde-se com o erro e a virtude com o vicio. Sessenta e sete annos no officio que tenho, valem bem sessenta e sete paginas de sabedoria. É por isso que, quando disse-te que Henriqueta era a menos propria para tua mulher, devias crêr-me . . .

LAND. (*interrompendo-a*) — Mas, como . . .

PANC. (*continuando*) — Eu sei o que são rapazes, por isso desculpo-to.

LAND. (*pensativo*) — Mãe Pancracia diz que tem um plano, qual é?

PANC. — Ainda está verde, menino; quando amadurecer, todos hão de sentir-lhe o sabor.

LAND. — Supponhamos que não produz o effeito desejado. Eis-me de novo abrigado, como entro a cruz e a caldeirinha, a escolher ou casamento ou enxovia. O maldito Lobeira dizia a verdade. Lei estúpida a que póde obrigar-nos a perder a vergonha! E fallão em justiça n'esta terra, quando eu, pobre, pago o destacamento da guarda nacional, quando contribuo com o imposto pessoal, porque tenho a propriedade da minha pessoa! E para cumulo de males protege a um maniaco que forçosamente faz-me pai do filho do boticario Anacleto ou trancafia-me na cadeia como seductor, etc. . . . E' ouro sobre azul! . . . Não, mãe Pancracia, se o seu plano não confunde Lobeira, livrando-me do papel de tolo, ou rebento-lhe os tuberculos antes do tempo, ou faço saltar-me os miólos. D'este modo arranja-se tudo.

PANC. — Estás louco?!

LAND. — Sim, sou um louco, mas não um sandeu, um idiota. Ha muita differença. Ora! pai do filho do boticario Anacleto! . . .

PANC. — Não te agonies . . .

LAND. — Não hei de agoniar-me?! Chamem-me de estouvado, excentrico, sem juizo, porque o sou; não penso muito quando quero fazer alguma coisa. E' real, a reflexão não dá-se com os meus habitos; mas fazer-me legalmente o substituto do Anacleto, não é comigo. Mando ao inferno todas as leis que o quizerem.

PANC. — As leis são boas; os máos, ruins e perversos são os homens.

LAND. (*cada vez mais exacerbado*) — Boas não me parecem diante dos apuros em que me acho. Emfim, emfim, acabo dizendo tudo, conto a historia, bonita historia!

PANC. — E quem ha de dar fé ás tuas palavras?

LAND. — Não hão de crêr-me?

PANC. — Como has de proval-o?

LAND. — Como hei de proval-o? Bem. Manoel, Panurgia e Henriqueta são chamados ao interrogatorio, fazem o juramento de não faltarem á verdade . . .

PANC. — (*interrompendo-o*) — E faltaráo.

LAND. — Serão capazes?

PANC. — A vergonha vedará que o digão, senão conseguirem á força de dinheiro a dispensa de semelhaute etiqueta.

LAND. — E o perjúrio não será um crime?

PANC. -- E quem ha de proval-o?

LAND. — A senhora, mãe Pancracia.

PANC. — Sou suspeita. Pensas como uma criança. Teu plano daria em resultado que, além de seductor, serias considerado diffamador, mentiroso, perjuro e o mais.

LAND. — Eis porque os liberaes querem a revolução para a reforma das leis. Eu juro, mãe Pancracia, que lembrando este factó, tornar-me-hei um revolucionario de mão cheia, e o primeiro que me cahe nas unhas é o maniaco do Lobeira. No que havia de dar agora aquelle pansudo que tem tanta razão no meu negocio, como com a phtisica que lhe transtorna o juizo.

PANC. — Deixa de revoluções. E' tempo que os velhacos andão aos cardumes, como os lambaris no rio. As leis não são más, te repito, mãos são os homens. A ladroeira põe o dedo em tudo. Assim Lobeira accuza-te de ladrão da honra da familia, quando foi um outro. Ladrão é o proprio Lobeira, porque quer roubar-te o que é tua unica riqueza: tua virtude e dignidade. Não é sem razão que temo tal gente. Todos os perversos o são. O assassino saquêa a vida, o uzurario prazeres e venturas, o calumniador a verdade. O mundo é feito assim. Saber viver — eis tudo. Elles querem forçar meu filho a uma infamia, pois bem com tratante, tratante e meio. O negocio corre por minha conta. Deixa de revoluções. Não te mettas. Affianço-te (*beijando-o com ternura*) que não serás o pagador das drogas do Anacleto. Vou sahir, não posso esperar mais tempo por Marianna. (*Sahe*).

SCENA II

Landulpho, só

LAND. — Emfim deixemos o barco vogar. Tenho fé em mãe Pancracia. Não sei, nem posso advinhar como desatará o nó que engasga-me; mas ella tem pratica do mundo, é viva e capaz de enganar o proprio demo. Esperemos como um bom christão as consequencias do drama em que sou, senão o mais importante actor, ao menos o mais ridiculo.

SCENA III

O mesmo, Marianna e Antonia, que trazem algumas costuras

ANT. (*vendo Landulpho depõe a costura e corre a elle*) Landulpho! (*Abraçando-o*) Onde estiveste? Olhe mamãi, como inda está tão pallido! . . . Meu bom Landulpho! . . . Então querias morrer longe de nós? Para que não vieste para nossa casa? Quem melhor do que eu e mamãi te havíamos de tratar? Ingrato Landulpho! Foge para tão longe . . . Para onde era mesmo? Dize-nos: lá havia quem te quizesse mais que tua Antonia?

LAND. (*commovido*) — Não, Antonia, mas os medicos ordenarão os ares do campo . . .

MAR. — Vê, Landulpho, se podes responder a todas suas perguntas.

ANT. — Landulpho é um ingrato, esquece a seus antigos amigos. Que importa-lhe tambem que sua Antonia fine-se de saudades! Não é? (*Tomando-lhe as mãos*) Não, sou injusta. Se eu entristecia, se meu sabiá não cantava mais, se minhas flôres murchavão, não é elle o culpado, sou eu só que os descuidava. Demais tenho eu direitos sobre elle?

LAND. — Direitos? Se os tens!? Os da amisade mais santa e pura. Não é D. Marianna?

MAR. — E', Landulpho; fallemos, porém de tua enfermidade. O que foi?

LAND. (*confuso, á parte*) — Agora é que são ellas! (*Alto*) Sim . . . Sim . . . Creio . . . Sim . . . uma feia molestia! E' um diabo de nome . . . terminava em *ina* (*á parte*) Quere[m] vêr que esqueci a mentira estudada!?

MAR. — O que estás a resmoncar entre dentes?

LAND. (*sem attendet-a*) — Uma fébre . . . sim . . . creio . . . fébre canina . . .

ANT. (*com ingenuo terror*) — Fébre canina! Devia ser horrivel, meu pobre Landulpho?!

MAR. — Onde se vio febre canina?! Estás enganado.

LAND. — Então . . . mofina, adulterina ou coisa que o valha.

MAR. — (*ar severo*) Que asneiras estás ahi a dizer? Sabes o valor de semelhantes expressões?

ANT. — Mas o que está elle a dizer de mal, mamãi?

MAR. — Não disse nada . . .

LAND. (*á parte*) — Estupida memoria! (*Alto*) Ah! Achei! . . . Fébre maligna . . . E' isso.

MAR. — Veção que differença! Maligna, sim.

LAND. — Eu não estava a dizer que depois da molestia fiquei sem memoria . . .

ANT. — Não disseste isto, Landulpho . . .

LAND. — Então estava para dizer . . .

MAR. (*ar malicioso*) — São esquecimentos . . . Ha molestias assim.

ANT. — E inda agora a queixar-me de ti, quando nos esquecias sómente por causa de tua molestia! Perdôas, não é, Landulpho? Eu não sabia! Não ha peor molestia, mamã, do que a que traz o esquecimento, não é?

MAR. — Sim, minha filha. (*A Landulpho, baixo*) Não é a mim que me illudes. Tua confusão, m'ô disse Landulpho, Que prazer tens em enganar minha filha? Se outras lhe roubarão teu coração, para que tornaste aqui? E' feio proceder assim com uma innocente criança.

ANT. — O que está mamã cochichando?

MAR. — Dizia-lhe que me desculpasse. Vou ver as costureiras como vão com o serviço. Fica com Landulpho e fal-o esperar para jantar (*sabe*).

SCENA IV

Landulpho e Antonia

LAND. (*tomando-lhe as mãosinhas*) — Ah! minha Antonia, cada vez mais bella!

ANT. (*querendo tapar-lhe a bocca*). Mentiroso! Queres fazer-me esquecer a ausencia de quinze dias com falsos elogios? (*Como recordando-se*) Ah! perdôa, foi doença! Pobre Landulpho!

LAND. — Então sentistes muitas saudades? muitas?

ANT. — Muitas, muitas. Chorei tanto! Queria ir vêr-te e mamã não quiz.

LAND. — Pelo que?

ANT. — Ella disse: Quem nos quer, procura-nos. Foi injusta, não pensava em tua molestia.

LAND. — Prometto-te que a fébre não me assalta de novo, estou inteiramente curado. Não esquecerei tambem que só tres pessoas me amão com verdadeiro amor sobre a terra: mãi Pancracia, Marianna e tu, minha Antonia, e juro . . .

ANT. (*interrompendo-o, tom supplice*) — O' não jures, mamã sempre diz: Quem tem para tudo um juramento, é quem

sempre mais mente. Não julgo semelhante coisa de ti, mas não o faças, podias faltar.

LAND. — Faltar?! Foste a companheira de minha infancia e sel-o-has toda a vida, diante de Deus e do mundo.

ANT. (*ingenuamente*) — Como?

LAND. — Recusarias ser minha mulher?

ANT. (*confusa, evadindo-se á resposta*) — Olha, Landulpho, esqueceste uma promessa?

LAND. — Qual?

ANT. — Vê se recordas. Estavas comigo apanhando jasmims. Não foi?

LAND. — Já não me lembro.

ANT. — O meu quadro de borboletas.

LAND. — Ah! E' verdade.

ANT. — Vou mostrar-te a collecção que já tenho. O' são tantas, tantas, e tão bonitas e tão mimosas! Umhas com azas de perola, ouro, carmin, de azul mais lindo que o céo. Parece um jardim, e as borboletas, Landulpho, não se assemelham a flôres, que voão?

LAND. — Tens razão; o que admiro é que nunca semelhante comparação me passasse pela idéa.

ANT. — Has de fazer um lindo quadro, não é? Depois has de pôr no centro . . . o que mesmo? Qual é tua opinião?

LAND. — Um anjinho com tuas feições, teus olhares serenos, teus sorrisos innocentes, menos bello que tu, minha Antonia . . .

ANT. — Não, Landulpho, dizem que as borboletas são varias e inconstantes. E desejarias vêr-me entre ellas?

LAND. — E' verdade! . . . Eu sou o mais feliz de todos os homens . . . Lhes sou superior, descobri um thesouro que elles nem ao menos julgão possível existir.

ANT. — Descobriste um thesouro?

LAND. — Sim, uma mina que, felizmente, nenhum sabe.

ANT. — Mas nunca nos disseste isto?

LAND. — Não me comprehendes? O thesouro és tu . . .

ANT. — Já vejo que me estimas muito, não é? muito, meu bom Landulpho. (*Abraçando-o*) Vamos á janella, que ha tanto tempo não nos vê juntos. (*Ambos vão á janella*). Ali, em frente temos uma visinha nova.

LAND. — Quem?

ANT. — Eu mesma não sei, mas é muito má. Durante o dia castiga uma pobre escrava idosa e doente. Na quarta-feira passada, ouvi os gritos e choro da minha tocaia (ella chama-se tambem Antonia) e tive tanta pena que corri até lá. Intercedi, suppliquei, e emfim ajoelhei-me diante d'aquella mulher. De balde! Ella só me dizia: minha menina vá-se embora, cada qual

cnida do governo de sua casa como bem lhe parece, vá para a sua que talvez por lá não haja muita ordem. Quando sahi confusa e envergonhada, pela primeira vez senti odio. Odio, meu Landulpho, vê, coisa que eu não conhecia, porque mamã sempre me dissera: Nunca deve-se nutrir odio, pois é prova de um máo coração.

LAND. (*osculando-a na frente*) — E's um anjo! . . .

ANT. — Depois, á noite, a pobresinha de minha tocaia veio aqui abraçar-me e pedir que, quando sua senhora a maltratasse, eu não fosse lá, que era peor, mais soffria. Nunca pensei que houvesse coração assim!

LAND. (*olhando para a rua, apresenta signaes de inquietação*) — Quem vem ali!

ANT. (*olhando*) — Freguezes nossos, o Sr. Manoel Lobeira e sua filha.

LAND. (*agitado*) — Vou-me embora. (*A' parte*) Ah! Lobeira d'uma figa!

ANT. — Que tens? estás assustado!

LAND. — Não, não posso encontrar esse homem! . . . é meu inimigo . . . (*A' parte*) O traficante que quer fazer-me legalmente edictor responsavel do Anacleto!

ANT. — Teu inimigo?!

LAND. — Sim, e terrivel, já mandou-me matar por um capanga . . . (*A' parte*) Deus me perdôe mais este peccado.

ANT. (*aterrada*) — Pelo que, meu Deus?!

LAND. — Adeus, adeus, n'outra occasião te direi . . . Vou sahir pelo portão. (*Aperta-lhe a mão rapidamente e sahe pela direita*).

SCENA V

Antonia, sã

ANT. (*pensativa*) — Que terá o Sr. Lobeira feito para Landulpho fugir-lhe assim? Bem meu coração aditava ha muito que o Sr. Lobeira não era bom homem. Mandar matar Landulpho por um capanga!

SCENA VI

A mesma. Lobeira e Henriqueta que entram

LOB. — Com licença.

ANT. (*respondendo a um pensamento intimo, sem olhar-o*) — Parece impossivel tanta maldade! (*Vendo-os*) Pódem entrar. (*Indo á porta á direita*) Mamã, o Sr. Lobeira e D. Henriqueta. (*Constrangida volta á cumprimental-os*) Sr. Lobeira, D. Henriqueta, como têm passado!

LOB. (*com tristeza*) — Eu tenho passado muito mal. O pulmão não melhora. Hontem, ao contrario, peiorou e muito. Fui á chacara e o relento, com alguns incommodos domesticos, agitarão os tuberculos de tal maneira que, se não tomo côbro, levo a bréca.

ANT. (*interessando-se por elle*) — Desde quando está doente!

LOB. (*com ar solemne*) — Desde criança soffro do peito. Minha mã e duas irmãs morrerão hehlicas. E' uma familia irremissivelmente consagrada á phtisica. Terrivel fatalidade! Quando mudei de terra, senti allivio, e durante trinta annos nada annunciára que a medonha molestia havia de reaparecer. Até dizião-me que engordava, apezar de não acreditar muito em consolações triviaes e costumeiras para com os doentes. Faz mez e meio que senti vivas dôres sobre as costas com o sequito de outros symptomas gravissimos. Meu medico disse que era rheumatismo museular, e principiou a tratar como tal. (*Marianna entra*) Bons dias D. Marianna. (*Voltando-se para Antonia*) Como ia dizendo? . . . Ah! Eu duvidei . . . Consultei outros, e como todos rezão pela mesma cartilha, concordarão com a opinião de seu collega . . . Eu é que não estive pelos autos — muni-me de um Chernovis e outras obras, e conheci que estava real e verdadeiramente no periodo dos tuberculos.

ANT. — O que são tuberculos?

LOB. — Vou explicar-lhe. Saiba o que são e peça á Deus que nunca os tenha. (*suspirando*) Ai, meu Deus! E' preciso ser resignado para soffrer uma consumpção até seu termo! Não desejava que meus proprios inimigos os tivessem! (*Pausa*).

HENR. (*baixo á Marianna*) — Agora é esta a ladainha de todos os dias. A apprehensão da phtisica o persegue como nunca. Não vê como está nutrido? pois julga-se magro e desfeito!

LOB. (*que tem tomado o pulso a si*) — Pulso regular . . . (*A Antonia*) Minha menina, os tuberculos, como define um luzeiro da sciencia, são tumores, cujo tamanho varia desde o volu-

me d'uma ervilha até quasi ás proporções d'um ovo de avestruz, cuja fórmula é irregular, os ha redondos, ovoides . . . (*Detendo-se e levando a mão á frente como para lembrar-se*) e . . . ah! . . . até chatos! até encapados no que a sciencia chama um kysto. A materia que os constitue é d'um amarello pallido e de consistência como albumina . . . (*movimento como o anterior*) albumina . . . albumina . . . concreta. Isto ao principio; porém, quando amollecem é um sôro, um sôro, noite e dia . . . Eis os tuberculos, Encontrão-se em toda a organisação; eu só os tenho no pulmão. Seu fim é emmagrecer uma pobre creatura até atiral-a na cova.

ANT. — Emmagrecer, disse?

LOB. — E' verdade! Até que o corpo, não tendo mais nada a perder, acaba por decompôr-se.

ANT. — Mas o Sr. está bem nutrido

LOB. — Nutrido?! (*Com tristeza*) Consolações! Consolações!

MAR. (*que, á parte, tem estado conversando com Henriqueta, comprimindo um sorriso malicioso*) Para que não trata-se sériamente?

LOB. — E' o que me tem valido, senão . . . ai! (*suspirando*) hoje não seria dos vivos.

MAR. — No emtanto seu estado não é grave.

LOB. -- Felizmente . . . A senhora não poderia dizer-me onde poderei encontrar guaco verde?

MAR. — Eu mesma tenho uma latada.

LOB. (*com effusão*) — Feliz encontro! Que ventura! O céo protege-me! Em casa já tenho sete arrobas, mas é pouco para o que pretendo fazer.

MAR. — Mas o que pretende?

LOB. — Aplicar o processo chimico do *extractum carnis* ao guaco. Ora, para obter-se quatro libras de *extractum carnis* é necessario uma rez, que peza, termo médio, deseseis arrobas; logo, fazendo a comparação, deseseis arrobas de guaco devem dar quatro libras de *extractum*. E' uma descoberta que vai fazer ruido no mundo scientifico.

MAR. — Para cura de . . . ?

LOB. — Para cura radical da phtisica mesmo no terceiro ou quarto gráo, que é o momento dos arrancos finaes. Espero desbancar a bryonea, a pulsatilha, a anacahuita, etc. etc. (*Tomando o braço de Marianna com enthusiasmo*) Vamos a vêr a latada, a bella latada! . . .

MAR. (*desprendendo-se d'elle, á parte*) — Enlouqueceu o pobre homem! (*Alto*) Vamos. (*A Antonia*) Vê o que nos ordena D. Henriqueta.

VII

Antonia e Henriqueta

ANT. — Novas costuras, D. Henriqueta?

HENR. — Sim, muitas costuras. Um vestido para um baile depois de amanhã.

ANT. — Em tão pouco tempo?!

HENR. — E' necessário.

ANT. — Havemos empregar esforços.

HENR. — Não é só! Quero um enxoval completo de noiva para oito dias, ouvio! Não poupem trabalho e presteza, meu pai não poupará dinheiro. Quero para oito dias.

ANT. — Mamãe vindo, responderá melhor do que eu, D. Henriqueta. Então vai casar-se?

HENR. — Pensei que devia casar-me, todo o mundo está se casando por ahí. Escolhi um noivo, não quizerão e tanto teimei, que afinal meu pai consentio.

ANT. (*admirada em extremo*) — Só por teima?!

HENR. — Ou capricho de bom tom, como sempre diz uma de minhas amigas.

ANT. (*o mesmo*) — Não o estima então?!

HENR. — Eu nem sei mesmo para fallar-lhe a verdade. Não quizerão e eu quiz. Depois . . . elle tocava tão bem violão; cantava modinhas e lundús, como elle só sabe cantar!

ANT. — Como chama-se?

HENR. — E' Landulpho.

ANT. (*sentindo-se mal*) — Landulpho?! Meu Deus!

HENR. — Que tem?

ANT. (*comprimindo o coração*) — O meu noivo! Se não o ama, porque o quer tirar-me?

HENR. (*soltando uma gargalhada estrepitosa*) — Que asneira a sua! . . . Landulpho é meu . . .

(*Antonia desprendendo um grito doloroso cahe desmaiada*).

VIII

As mesmas, Lobeira e Marianna que voltão, trazendo aquelle um enorme feixe de guaco debaixo do braço

LOB. (*ainda dentro*) — 200\$000 por toda a latada.

MAR. (*correndo ao ouvir o grito da filha*) — Minha filha!
(*Toma-a nos braços*) Que foi isto D. Henriqueta?

LOB. — Sim, que significa isto, Henriqueta?

HENR. — Significa, meu pai, que D. Antonia tambem apaixonou-se por Landulpho, meu noivo . . .

MAR. (*com angustia*) — Ah! matarão minha pobre filha!
(*Impetuosa à Lobeira e Henriqueta*) Saião . . .

LOB. (*com ar entristecido*) Perdi a bella latada! (*O panno desce*).

Quantas vezes, santo Deus, não sôa o teu nome infinito, entre imprecações e blasphemias?

E' então que para mitigar o soffrimento e dar-me alento no martyrio, quero que entre na noite de minha alma a luz da tua imagem.

E' então, minha adorada Mimi, que quero vêr-te, avistar-te longe que sejas, perdida mesmo na turba, porque emquanto meus olhos fitão teu vulto quasi indistincto, esvaecido pela distancia, acalma-se-me o mar dos soffrimentos, e allivião-se-me as agonias da saudade.

Oh! não é preciso ver-te de perto! Basta que minha alma te advinhe no vulto que além diviso, para meu ser banhar-se nas ondas ineffaveis da consolação.

Se me vês muitas vezes nos divertimentos populares, no meio do povo sequioso de emoções, é porque desapparecido no seio da multidão, sem ser notado, posso adorar-te a vontade.

Além de ti, musa de minha alma, o que é no mundo que me inebria o espirito?

Comprehendes a doçura inexprimivel que sobre meu ser derrama um olhar teu?

O orvalho, muitas vezes, — refrigera na flôr do sentimento a ardencia da dôr; restea de luz peneiradã nas nevoas de meu espirito, — alumia o entendimento ensombrado; perfume do amor, — adeja no tabernaculo de meu peito, onde teu altar se ergueu!

Ai! eu soffro muito no emtanto!

Ainda para cumulo de dôres um pungir acerbo me espesinha e crucia o coração. O espinho impiedoso enterra-se, lasca o peito e derrama o sangue de minha alma, a que se juntão as lagrimas de meu amor.

Já sentiste a agrura d'esse espirito? conheces o seu doer?

Oh! não! não conheces ainda!

Esse espinho é um verme que fura, corrôe, devora: esse espinho envenenado — é o ciume!

E a desventura engrinaldada dos ciumes me leva, me conduz ao horto das agonias.

Tenho ciume de todos. D'aquelles que te cercão, que te fallão Mimi, que te olhão, que te contemplão, que aspirão o mesmo ar que respiras, que são mais felizes do que eu.

Tenho ciume da brisa travessa que se enleia em teus cabellos negros, que brinca ao redor de ti; da gentil florinha que desabrocha aos teus affagos, do raio do sol que te doura a tez, da estrellã que te espia do infinito, da nuvensinha que nos céos se

espreguiça defronte de tua janella a namorar-te ; até das idéas que te possão roçar n'alma.

Tenho ciume de tudo e de todos !

Ai ! coração porque soluças, porque gemes assim dentro de meu seio ? Chora, chora essas lagrimas abençoadas ! E tu, minh'alma, revôa ; revôa a extenuar-te ao redor da luz que te fascina.

Agita essas azas, atéa o fogo para que não se extinga, e saciada de ardores, chamusca-te, queima-te, abrasa-te, calcina-te ; enquanto tu, meu coração, carbonisas-te para sempre na pyra fatal.

JATYR.

TOXES DE LORR

O luar brilhado e transparente como um véo de gaso flutuando
do presso a cintura dos estercos, també a face esmaraldina de um
pávido, e vai cair estrellada que acintillado, como os diamantes no
colle das palladeiras enastadas, no lençol, orlado de espumas
de escarata que espedaça nas pedras, banhada em luz.
Pois olha, meu anjo, mais bello é o turbilhão de estrellas
chimericas, que ao magico toque de teu amor despartas, se exal-
ção de minha alma nos ceos da idolatria a revêr ao redor do
tus magram fascinate.

A ondula de lago brando de canazo, vem se espreguiçar na
paria. A sua voz flangente solta no espaço punto como a har-
monia inefável de uma voz de anjo inavizível, ressonando longuinha
nas espheras radiaças : solta no ambiente fortissimo, matoso
como as magicas vibrções de uma harpa esda, que enlaza o
vaco de melodia, fôrta de axax volutadas dos gonias do de-
certo.
Pois escuta, meu anjo, mais bello, ainda mais doce que es-
tas harmonias idéas, é a minha voz, quando entro praço teu ro-
ceos de amor, praxixo a pra, como idolatrado.

IV

VOZES DE AMOR

O luar dourado e transparente como um véo de gasc fluctuando preso á cupula dos espaços, lambe a face esmeraldina da amplidão, e vai ferir estrellas que scintillão, como os diamantes no collo das bailadeiras ennastrados, no lençol orlado de espumas da cascata que espadana nas pedras, banhada em luz.

Pois olha, meu anjo. Mais bello é o turbilhão de estrellas chimericas, que ao magico toque de teu amor despertas, se exalção de minha alma aos céos da idolatria, a revôar ao redor de tua imagem fascinante!

* * *

A ondinha do lago arfando de cansaço, vem se espreguiçar na praia. A sua voz plangente soluça no espaço quieto como a harmonia ineffavel de uma voz de anjo invisivel, resoando longiqua nas espheras radiosas: soluça no ambiente feiticeiro, maviosa como as magicas vibrações de uma harpa eólia, que enchesse o vacuo de melodias, ferida pelas azas velutadas dos genios do deserto.

Pois escuta, meu anjo. Mais doce, ainda mais doce que estas harmonias idéaes, é a minha voz, quando entre preces fervorosas de amor, pronuncia o teu nome idolatrado!

O perfume das madresilvas silvestres e o aroma inebriante das magnolias nas azas da aragem se levantão. Os anjos recebem-n'os em seus vasos mysticos, e vão expandil-os nas regiões feitiçeras do Eden Eternal, onde scisma o Deus de amor e de bondade na felicidade dos povos.

Pois olha, meu anjo. Mais inebriantes, mais puras e mais castas, são as tépidas emanações das flôres de minha alma, desabrochadas a um raio gentil de teu amor sem limites.

O tipi occulto na folhagem verde-escura do sinamomo florido, desata o canto melancolico e sentido como um queixume.

Pois escuta, meu anjo. Mais tristes e mais sentidas são as vozes de minha alma, que sonha no regaço das chiméras !

* * *

Além no remate da varzea o pio selvagem do tacaan retine nos ares.

O seu grito agudo e rude como os sons d'um instrumento indiano, fére os sentidos deleitados nos extases da melodia, e adorda notas graves no templo da natureza prenhe dos vagos rumores que resôão nas azas prateadas dos genios do deserto.

Pois escuta, meu anjo. Inda mais rudes, inda mais selvagens são os hymnos de meu amor nã afinada corda da harpa dolorosa de meu seio.

* * *

A macega verdejante da lagôa, emperlada das lagrimas da noite luminosa, que scintillão coalhadas na recortada folhagem, suavemente farfalha aos brandos affagos da aragem feitiçeira da madrugada. As arvores brandamente rumorejão abraçadas, beijando-se na mataria longiqua. Estalão tímidos, semi-apagados, os beijos dos corupiras através o taquaral ensombrado, e além

ainda além no remate da cochilha, nos leques do gerivá emba-
lada, cícia a brisa apaixonada.

Pois ouve, meu anjo. Mais doces, inda mais doces, são os
suspiros de meu peito, moradia triste de saudades !

Chiméricas estrelas de meu amor ; melodias de minha alma,
perfumes do coração, hymnos da dôr e suspiros de meu seio, —
bando louro de phalenas idéaes, — alevantai o vôo, vagueai nos
espaços diaphanos da phantasia, — e ide mais doce e mais suave
pousar em seu regaço, como nos seios da divindade as nuvens
auri-roseas do infinito.

E tu, Mimi, minha adorada flôr, aquece no calor de teu seio
macio como o arminho, esses palidos e euregelados filhos de mi-
nha alma.

JATYR.

A MORTE DE SERAFINA

Pobre Serafina! Boa e santa mulher, contemporanea de meus pais!

Como não me lembro ainda com saudades d'aquellas historias da Biblia, que nos contavas em criança, boa e santa mulher.

Nós cheios de curiosidade e anseio formavamos um grupo sofrego ao redor de tua cadeira, donde com a sublime autoridade dos annos e da virtude nos derramavas n'alma a tua palavra doce e meiga como uma voz de mãe, oh virtuosa narradora dos trechos do livro divino!

Passarão-se annos . . . e hoje, santa mulher, em paga das emoções que me déste na quadra juvenil, dou-te o que meu seio tem de mais puro — uma lagrima, uma lagrima silenciosa!

Não despertou hontem tão bella e tão agradável, tão agradável e tão serena essa manhã de estio dos campos? Os passaros gorgeiavão alegres no pomar, as cigarras na orla dos matos modulavão o canto monotonico, e o arroio escorregando por entre as pedrinhas ia levar as suas ondinhas de prata ao mais escuro e sombrio retiro dos bosques. Que de luz no ambiente! que de frisos dourados a fulgir na folhagem recostada do arvoredado! Que vida que se bebia nas auras doces e tépidas d'essa manhã de estio!

A boa e santa velhinha desceu o caminho do pomar. Seu pé silencioso e tardo calcava descuidoso a gramma das ruas humedecidas de orvalho. Caminhava e não via que a humidade subia,

e não se lembrava que a nossa fragilidade se atem á vida por debil e adelgado fio, que o mais tenue sopro adverso arrebenta e parte. E não pensava . . . porque toda entregue aos seus anhelos generosos, santa e abnegativa creatura queria colher os mais doces e mais formosos fructos para seus netinhos; porque toda entregue aos seus desvellos queria vêr com que alegria, com que prazer receberião o seu presente matutino.

E a humidade subia e ella caminhava descuidada.

O sol multiplicou seus raios e distribuio centenas de fogo que crestavão a macia plumagem do passaro e o leque verdejante do palmito. O ar tornou-se ardente e pesado, o chão humido e quente.

Quando Serafina entrou em casa deu alguns passos e tropicou. Uma nuvem negra como uma veste luctuosa obumbrou-lhe á vista, suffocou-lhe a intelligencia: bateu-lhe na fronte uma aza pezada como um abanillo de chumbo: fugio-lhe o terreno debaixo dos pés, e ella estendeu os braços no vacuo, hirtos e crispados na convulsão, não soltou um queixume, grito ou lamento . . . e cahio. Dois braços frios ampararão-n'a . . .

Mas, ai! erão os braços da morte . . .

A morte! Lethargia da creatura ao esbarrar na eternidade! de que desperta, quem sabe! para gosar além do mundo deleites eternaes em outra vida mais feliz e mais ditosa; para trocar as magoas que nos seguem na terra, ululando, pelas delicias de um mundo melhor envolto na facha esplendorosa da irradiação do Deus Todo Bondade!

Oh! quem sabe a vida que se vive além do tumulo? as sensações que sente o morto batendo de encontro a cova? Tombado na valla ao receber a primeira pá de terra?

Que de sensações estranhas, que de mysterios nas profundezas do jazigo povoado de vermes e horrores que se confrangem com o cadaver, semi-nu, semi-putrido?

A morte, marco da vida que finda e da vida que começa, limite entre os dois campos traçado . . . a morte, para uns noiva feiticeira cheia de mimos e caricias, que promette perennaes delicias: para outros megera horrenda e pavorosa que deixa entrever sevicias infernaes, a morte para Serafina não trouxe sorrisos nem pavores. Encontrou aquella alma generosa e boa, placida e serena aberta ao mando da Divindade, sem confrangimento nem temores.

Quando cahio, cahio sem queixar-se.

Pobre Serafina! Boa e virtuosa mulher contemporanea de meus pais!

O cadaver foi conduzido da chacara para Bagé.

Que bello que estava o dia então! Que céo crystalino e transparente do mais diaphano azul a dilatar-se por essas espheras infinitas, limpido como uma taça de crystal cheia de agua de rocha! que horisontes em que o azul divino se esmaltava com os dourados do céo, e as relvas e campos arfavão de mansinho vividas como espelhos de esmeralda.

Oh! dizia a loura menina amorosa contemplando horisontes e céos, do peitoril da janella debruçada com a cabeça apoiada na mão voltada para o leito dos astros: — n'um dia d'estes ninguem pôde morrer!

Mal sabia o louro anjo que n'esse momento vinha á caminho da campa a mãe de Nila, de Nila dos olhos brilhantes, e que era em seu funeral que a natureza ostentava galas desusadas.

Os passarinhos nas gaiolas empoleirados requebravão os languidos cantares e parecião dizer no tremulo trinado: Deus! cem annos de dias assim e a vida na terra será eterna.

Mal sabião os mimosos passarinhos que n'esse dia de tanto esplendor vinha á caminho da campa a mãe de Nila, de Nila dos olhos brilhantes, e que a creação se expandia em pompas no funeral de Serafina.

O ataúde recebeu o cadaver e ao redor do caixão crepitarão os cyrios.

Em pouco cercarão-n'o o bando das carpideiras de convenção e dos mesureiros funebres, d'esses que a redor de todos os corpos córvejam cheios de curiosidade e ancia.

Serafina do fundo do seu caixão olhava com olhos cerrados o tecto, como que adormecida. Ao fundo da sala erguido sobre o improvisado altar grave e solemne, o Crucificado livido e triste estendia, pregado ao madeiro, os braços ao orbe. Nas sombras latejantes, funebres, tremião os clarões dos cirios, funebres oscilavão nas tocheiras os clarões da agonia.

Algun soluço abafado yinha de longe lamber os grisalhos cabellos de Serafina. No mais, murmurios nas salas e corredores, tímidos cochixos e conversas imperceptiveis.

Pobre Serafina! Boa e santa mulher, contemporanea de meus pais.

A hora do sahimento avisinhava-se. Chegarão os convidados e desfilarão graves vestidos de preto. Encherão salas e quartos. Uns assentarão-se, outros conservarão-se de pé. Varios entravão e sahião fazendo o assoalho oscillar sob seu caminhar requetado.

Os carros rodavão na rua arrumando-se em ordem e rangião roçando na calçada . . .

Depois um grupo de homens de rostos impassiveis aproximou-se do ataúde ; elles pegarão nas alças, suspenderão o caixão, já de tampa cerrada e carregarão-n'o.

Dos quartos contiguos ouvio-se o desatar d'um pranto mal estauque, agoniado, que cortava a alma, e nas ondas negras de povo submergio-se o ataúde com o deposito de Serafina.

Bello espectaculo o desfilar d'um prestito funebre ! . . .

Quando ouve-se o ruido dos carros que enveredão pela rua chegão todos sofregos e inquietos ás portas e janellas, receiòsos de perderem qualquer episodio da cerimonia. As criancinhas pulão de contentes na calçada batendo palmas : Chi ! quanta gente ! que bonito ! E passa á caminho da igreja repimpado no dourado carro funebre o caixão agaloado, e n'elle o livido cadaver de Serafina ; de Serafina, mãe de Nila, de Nila dos olhos brilhantes !

Boa e santa Serafina ! Tu, que ahi te vais cercada de estranhos, de homens gordos e indifferentes, que insensiveis te conduzem, com a immobilidade d'um coração frio, frio ! mais frio do que teu gelado seio ; tu viste hontem tua prole debruçar-se inconsolavel á borda de teu caixão e rolaem crystalinas em tua mortalha suas lagrimas mais quentes !

O sentimento extravasava de corações afflictos n'esses suspiros indefiniveis de dôr, que no aroma da prece enovelados até aos pés do Senhor subião.

Oh ! feliz ! mil vezes feliz quem morre entre os seus, quem morre cercado dos filhos mergulhados na dôr da infausta perda d'um ente adorado !

Feliz! feliz! o moribundo que sente uma mão tremula de emoção e de angustia cerrar-lhe as palpebras lividas sobre os olhos vidrados na immobilidade da morte.

Feliz! feliz, boa velhinha, morreste adorada pelos teus.

E agora mesmo cercada de rostos impassiveis, entre semblantes sellados pela fria gravidade do convenção, no meio da monotona cantarola dos padres que encommendão teu corpo, ao seres conduzida ao final jazigo, diz-me: — não ouves o choro infantil de teus netinhos e as preces lacrimosas de tua prole que por ti ao senhor implora?

Feliz! boa e santa mulher, quem morre adorada pelos seus.

O dia esplendido e formoso continuava a desdobrar-se pela face da terra, e o rei do espaço seguia seu curso marchetado d'ouro, arrastando a purpura luminosa roçagante pelo chão azul prateado das esferas. As lagôas arfavão arquejantes na luz e o arvoredado esmaltado de scintillações fremia ao brando perpassar da aragem. As campas alvejavão no capinzal do cemiterio á sombra dos chorões e os pintasilgos de cabeça negra em cardumes apinhados na ramagem dos alamos atiravão aos echos embriagados do estio o argentino trinado.

O ataúde atravessou lúgubrememente a mansão dos mortos. A catacumba que o tinha de engulir olhava-o fixamente de boca escancarada. Os conductores depuzerão-n'o sobre um banco. Os coveiros levantarão-n'o sobre ella e snbmergirão-n'o.

Um ultimo raio de sol como uma lagrima luminosa fulgido sobre o silvado dourado do caixão.

Os coveiros forão arrumando na bocca da catacumba fiadas de tijollos, e enchendo de cal seus intersticios. Quando a ultima fresta recebeu a cal ligeiro escoou-se o raio de sol, abandono completo do mundo que fugia, e fez-se dentro a escuridão, visita primeira do — abysmo que nascia.

Fôra entregue á voracidade da morte e á fome insaciavel dos vermes do sepulchro, o corpo de Serafina, a boa e piedosa mãe de Nila, da inconsolavel Nila dos olhos brilhantes.

Assim morreu e assim sepultou-se a nossa doce e santa narradora da Biblia; a boa e virtuosa mulher, contemporanea de meus pais!

INTIMA

N'essas noites em que a lua
Parece virgem que scisma,
Minh'alma toda se abysma
Em um mundo de pezar.
São lembranças bem profundas,
São saudades bem sinceras
Das extinctas primaveras,
Que jámais hão de voltar.

E sinto passarem tristes
Na mente as puras imagens
D'essas mulheres-miragens,
Que se envolverão no pó...
Rosas brancas desfolhadas
Ao sópro das ventanias...
Já sem aromas... já frias...
Incutindo pranto e dó!

O' meus passados amores
Tão cheios de puras creanças!
Ai! que saudades immensas
Me fazeis hoje sentir!
E' tão tristonho viver-se
Da lembrança do passado,
Quando o presente é nublado
E ainda mais o porvir!

Ha momentos em que a alma,
Sem ter forças para a luta,
De tudo descrê; e escuta
Sómente do crime a voz.

As paixões se desenfroão...
Turvão mais nosso horisonte...
E conspurcamos a fronte
Sem termos pena de nós!

Por isso, ás vezes me envolvo
Do scepticismo no manto,
Querendo enxugar o pranto
Na gargalhada mordaz!
E quanto fel não derramo...
Quanta ironia pungente...
Quanta risada estridente
Revelando paixões más!

E desprezo da poesia
Os riquissimos thesouros,
E nem cultivo estes lourós,
Que murcharão amanhã!
E n'essas lutas inglorias
Quantas vezes caio exhausto!
E' que a alma, que é de Fausto,
Não quer ser de D. Juan!

E no entretanto, eu podéra
Talvez despir-me do lodo...
E todo banhar-me, todo,
Nas aguas lustraes da fé!
Mas é grande o desalento...
Pobre e rude peregrino,
Eu cumpro a lei do destino...
E o meu destino assim é!

Porto Alegre — Março de 1873.

DAMASCENO VIEIRA.

JUSTIÇA DE CRISTO

Dos seios do horisonte resurgia
A suave e doce purpurina aurora,
Quando Jesus, deixando o Olivete,
De novo ao sacro templo encaminhou-se.
Ali, cheio de amor, com voz serena,
Do povo doutrinava a turba ignara,
Que para vél-o e ouvil-o, pressurosa,
De toda a parte vinha.

N'isso estando

Eis que por farizeus e por escribas
Foi a presença d'elle conduzida
Uma mulher. Disserão elles : « Mestre,
Esta que estás vendo, agora mesmo,
Em crime de adulterio foi achada,
E na lei de Moysés está prescripto,
Que apedrejadas sejam as adúlteras —
Que dizes pois a isto e o que resolves ? »

Maliciosos, assim tinham fallado,
Tentando confundir o grande espirito
D'aquelle á cujo verbo o Omnipotente
Affiara a eterna luz da sapiencia.
O Messias porém guardou silencio ;
Das palavras que tinham proferido
A trêfega malicia penetrando,
Abaixou-se em resposta, e com o dedo
A escrever começou após na terra.

Ao vêrem-no ficar silencioso,
Recresceu-lhes a audacia, e com perguntas
De molestar Jesus se não cansavam.
Néscios ! quando exultando lá comsigo,
Pretextos de clamarem contra elle
Os vis acusadores concebião —
Ergueu-se então Jesus, e abriu os labios :
« O que está de vós outros sem peccados,
Que seja esse o primeiro a apedrejal-a. »
E na terra a escrever pôz-se de novo.

Proferidas que foram taes palavras,
A turba que as ouviu logo do templo,
Um por um, sendo os velhos os primeiros,
Saindo foi confusa e humilhada
Em breve só no templo achou-se Christó,
E, de pé, diante d'elle, a peccadora.

De novo então ergueu-se, e perguntou-lhe :
« Mulher, aonde os teus accusadores ?
Nenhum poi dos que estaão condemnou-te ! »
— Nenhum — respondeu ella « Nem tão pouco
Serás tu por meus labios condemnada.
Vai filha em paz, e a peccar não tornes. »

Pelotas — 1872.

BERNARDO TAVEIRA JUNIOR.

CHRONICA

Mais uma vez encarregados de escrever a chronica da *Revista*, no impedimento do redactor de mez, lutamos com sérias difficuldades; falta de tempo, falta de novidades e sobretudo falta de disposição.

Isto basta para que sejamos desculpados: entretanto começemos por dizer alguma coisa, que quando não sirva para illustrar o espirito, sirva ao menos para recreal-o.

O que ha pelo mundo litterario? Poesias!

E' que os vates apparecem por toda a parte e dedilhando suas lyras expandem-se em cantos, ora harmoniosos e eroticos, ora asperos e satyricos.

Vejamos se assim é:

NEBULOSAS. — Sahio á lume no Rio de Janeiro as poesias de Narcisa Amalia conglobadas com o nome de *Nebulosas*.

Que devemos dizer sobre o descerramento d'uma nova epocha litteraria que condiz e consorcia-se com os sentimentos actuaes da nacionalidade brasileira?

Narciza Amalia não ó sómente o anjo que derrama as canções perfumadas nas virgens florestas americanas, é tambem a personificação da nova idéa, das novas aspirações d'um povo. Seu coração palpita e estremece no alaúde em que Homero, Ossian, Ofterdingen, Dante, Virgilio, Camões, Tasso e Victor Hugo afinarão suas concepções sublimes.

A patria é um dos grandes sentimentos que a moverão, a patria para ella sob as fórmulas democraticas que hão de revestir o futuro, é o seu sonho de ouro, é a chiméra feiticeira que lhe affaga a mente encandecida nas insomnias em que a poesia e o estudo a arrancão das condições da vida positiva e material.

Na flôr dos annos, atida á assumptos sérios, desligada dos carmes á Jeremias, que infestão nossa litteratura, escrever *O pezadelo* e os *Dois trophéos* é elevar-se acima dos seus precursores e sentar as bases d'um novo periodo.

PARIETARIAS. — E' o titulo do volume de poesias de nosso consocio e amigo Menezes Paredes, um dos poetas mais distinctos desta provincia.

Sua lyra é o transumpto do que vai de triste e amoroso por um coração cheio de sentimento e poesia.

Nós que temos sido testemunhas dos abalos, das contrariedades que tem soffrido aquella alma, sentimos n'este momento um inexprimivel prazer ao vermos ainda seu coração acordado para a adoração da poesia, que nos eleva ás regiões sidericas, onde os anjos cantão dulcias eternas e inebriantes.

Aguardamos a nossa opinião mais franca e imparcial para quando distribuir-se o volume de poesias, mas não podemos deixar de anticipar as nossas saudações, n'este momento, ao poeta, batalhador que adquirio por sua intelligencia, a consideração dos que ainda se dedicão ás lettras n'esta terra, e muito esperão do seu brilhante talento.

VOZES TREMULAS. — Forão publicadas as poesias de Mucio Teixeira. Dar uma analysc de suas primeiras producções, aprecial-as devidamente seria trabalho longo e o tempo nos falta agora; no entretanto requer a imparcialidade que registremos aqui o seu nome como o de um talentoso cultor das musas.

Na verdade o joven Mucio possui um talento feliz e uma imaginação verdadeiramente poetica. Não é difficil encontrar no seu volume de versos pensamentos notaveis, amenidade e sentimento.

Entre as poesias do nosso estimavel conterraneo citamos ao acaso *Exilio* e *Dormindo* que são de incontestavel valor litterario.

O *Canto do Gaúcho* resente-se de impropriedades. Depois de publicarmos o nosso trabalho sobre as poesias do Sr. Damasceno Vieira, nos occuparemos dos versos do Sr. Mucio, não obstante ter dado juizo sobre elles o nosso intelligente consocio Bernardino dos Santos.

FELIX DA CUNHA. — Nossos leitores devem ter notado a ausencia do busto de Felix da Cunha; porém tão sensivel falta não tem sido por esquecimento, nem incuria. E' que não ha

quasi dados reunidos a seu respeito, inda que pelas suas glorias de poeta, tribuno e democrata, pelo seu superior talento, pareça incrível semelhante desçuido, tão *prematureo olvido*.

Ninguém imagina pôr quantas decepções, malogros e tristezas temos passado para a aquisição de elementos relativos ás biographias.

Tem sido um combater de dia após dia, até com preconceitos de familia, incompatíveis com o adiantamento de nossa terra e com a grandeza do seculo XIX.

No entretanto, desde que os obtivermos em relação á Felix da Cunha, estampal-os-hemos com intimo jubilo, certos de que não merecemos as increpações que nos fazem actualmente.

ARAUJO E SILVA.